

Conferências do Atlântico II
Câmara de Lobos, Madeira, 25-26 de Janeiro de 2024

Palavras de Abertura, João Carlos Espada (25 de Janeiro, 15H)

Senhor Presidente do Governo Regional da Madeira, Excelência;

Senhor Presidente da Câmara Municipal de Câmara de Lobos;

Senhor Dr. Randolph Churchill;

Senhores Professores James Muller e Allen Packwood;

Distintos convidados, Senhoras e Senhores,

Estamos hoje aqui, nesta 2ª edição das Conferências do Atlântico na Madeira, a celebrar várias efemérides surpreendentemente convergentes.

Em primeiro lugar, certamente, celebramos a visita de Winston Churchill à Madeira, em Janeiro de 1950 — quando ficou hospedado com sua mulher, Clementine, no Reid’s Hotel, onde ainda hoje perdura a “Churchill suite”. Foi durante essa visita que Churchill veio até aqui, a Câmara de Lobos, para pintar imagens da Baía onde agora se encontra o Churchill’s Bay Hotel.

O nosso anfitrião nesta Conferência — Miguel Albuquerque, Presidente do Governo Regional da Madeira — publicou em 2018 um livro notável sobre essa visita de Churchill (*Churchill na/in Madeira*, Edição bilingue, Aletheia Editores, 2018). Recordou ele que Churchill era então apenas o líder da Leal Oposição Conservadora ao Governo Trabalhista de Clement Attlee, que tinha sido seu Vice Primeiro-Ministro no Governo de coligação nacional — que Churchill liderara durante a II Guerra, entre 1940 e 1945. A verdade é que Churchill, tendo liderado a vitória britânica sobre o nazismo em 8 Maio de 1945, perdera logo a seguir as eleições parlamentares de 5 de Julho desse mesmo ano, a favor do líder trabalhista.

Eu gostaria de recordar que ao *aristocrata conservador-liberal* Winston Churchill — ao contrário do que fizeram recentemente alguns *carroceiros revolucionários* em Washington e Brasília — nunca lhe ocorreu contestar os resultados das eleições livres na livre democracia britânica, que ele dedicara a sua vida a defender.

Por isso mesmo, como Miguel Albuquerque recorda no seu livro, foi como líder do Mundo Livre que o povo da Madeira recebeu aqui, em Janeiro de 1950, o então apenas líder da Leal Oposição, Winston Churchill.

Mas o título da nossa conferência de hoje — Conferência do Atlântico — remete para outro evento em que Churchill também foi protagonista, quase 10 anos antes da sua visita à Madeira. Tratou-se da primeira *Conferência do Atlântico*, em Agosto de 1941, quando Churchill se encontrou com o Presidente norte-americano Franklin D. Roosevelt no Mar de Placentia Bay, ao largo de Newfoundland.

Foi nesse encontro histórico -- que ficou conhecido como a primeira *Conferência do Atlântico* -- que aprovaram a famosa *Carta do Atlântico*. Nessa *Carta do Atlântico* ficaram solenemente gravados os princípios que viriam a presidir, após a vitória aliada sobre o nazismo, à criação das Nações Unidas, em 1945, da NATO, em 1949, - - - - - cujos 75 anos também celebramos este ano -- e da futura União Europeia, então Comunidade Europeia do Carvão e do Aço, em 1951.

Temos hoje o raro privilégio e prazer de ter connosco Randolph Churchill, bisneto do próprio Winston Churchill, que nos honrará com uma comunicação precisamente sobre “Winston Churchill, The Freedom of the Sea and the Atlantic Charter”. Foi com muito gosto que imediatamente adoptámos este título da sua comunicação como título global desta 2ª edição das Conferências do Atlântico.

É certamente também um título muito apropriado para um outro aniversário que celebramos este ano: os 150 anos do nascimento de Winston Churchill, a 30 de Novembro de 1874. Vão ocorrer ao longo deste ano de 2024 inúmeros eventos para marcar esta importante efeméride. E estamos muito gratos aos nossos Amigos da International Churchill Society que tenham inserido esta nossa Conferência do Atlântico na Madeira como primeiro evento dessa lista tão distinta.

Em suma, esta Conferência que aqui nos reúne, na Madeira, consiste numa celebração Luso-Britânica, Europeísta e Atlantista; numa palavra, uma celebração Ocidental, no sentido mais lato e nobre do termo, no sentido do Mundo Livre que nasceu e cresceu a partir do diálogo plural entre Atenas, Roma e Jerusalém.

No centro desta civilização está o Mar. Como recordou enfaticamente Karl Popper a respeito da emergência da sociedade aberta na marítima Atenas do século V a.C. e do seu contraste com o autoritarismo colectivista da continental Esparta:

“Talvez a mais poderosa causa do colapso da sociedade fechada tenha sido o desenvolvimento das comunicações marítimas e do comércio. O contacto estreito com outras tribos desafia o sentimento de necessidade com que as instituições tribais são percepcionadas; e a troca, a iniciativa comercial e a independência podem afirmar-se, mesmo numa sociedade em que o tribalismo ainda prevalece. [...] Por esta razão, nós verificamos que, durante mais de um século, o império, a frota, o porto e as muralhas foram odiados pelos partidos oligárquicos de Atenas e foram considerados símbolos da democracia e da sua

força, que aqueles partidos queriam um dia destruir.” (Karl Popper, *The Open Society and Its Enemies*, Routledge 1945, citado a partir da 5ª edição, 1966, p. 177).

Durante séculos, esta dimensão marítima da civilização europeia esteve centrada no Mediterrâneo. Mas uma nova era marítima seria inaugurada pelos Portugueses, como sublinhou Daniel Boorstin, o célebre historiador norte-americano que dirigiu a Biblioteca do Congresso em Washington:

“A nova era marítima, inaugurada pelos Portugueses, levou o comércio e a civilização da costa de um corpo finito, o Mediterrâneo fechado, o “mar-no-meio-da-terra”, para a costa do Atlântico aberto e dos oceanos sem fronteiras no Mundo.” (Daniel Boorstin, *Os Descobridores*, Gradiva, 1998, p. 153).

Também o distinto professor de Harvard, Samuel P. Huntington, enfatizou o papel de Portugal na descoberta do mar aberto — “the open sea”, como Winston Churchill não se cansava de repetir. Recordo as palavras de Samuel Huntington:

“Há quinhentos anos, um pequeno grupo de líderes e pensadores portugueses — incluindo o Infante D. Henrique, *O Navegador*, o rei D. João II, Bartolomeu Dias e Vasco da Gama, para citar apenas alguns — agindo com coragem, determinação e imaginação, inaugurou uma nova fase da história da humanidade: a era das Descobertas. Deram o exemplo a Espanha, França, Reino Unido e Holanda.” (Samuel P. Huntington, “The Future of the Third Wave” in Marc F. Plattner and João Carlos Espada (eds.), *The Democratic Invention*, The Johns Hopkins University Press, 2000, p. 3).

E é neste espírito marítimo, euro-atlântico e ocidental que gostaria de concluir recordando que celebramos também este ano o cinquentenário do 25 de Abril em Portugal, que abriu a Terceira Vaga da democratização à escala mundial.

Muito obrigado.